

WLADIMIR OLIVIER

MARULHOS POÉTICOS — I

(50 SONETOS MEDIÚNICOS)

ESPÍRITOS DIVERSOS

# ÍNDICE

1. Em paz .....
2. Prece para Jesus .....
3. Meio ambiente .....
4. Aviso oportuno .....
5. Sem intriga nem fofoca .....
6. História de pescador .....
7. Sem medo .....
8. Atropelo na rima .....
9. Felizardo .....
10. Para Jesus .....
11. Competência .....
12. Resguardo .....
13. Restauração espiritual .....
14. Descanso merecido .....
15. Minha necessidade .....
16. Rebeldia controlada .....
17. Salvação .....
18. Paradigma de trova .....
19. Retrato três por quatro .....
20. Estranho pedido .....
21. Reconhecendo o perigo .....
22. Entrega a domicílio .....
23. Navegação espiritual .....
24. Dia de festa .....
25. De galho em galho .....
26. Em suma... ..
27. *Saltei de banda* .....
28. Paciência .....
29. Razões do coração .....
30. Prematuramente .....
31. Farândola .....
32. A propósito .....
33. *Intermezzo* .....
34. Entrei mudo e saí calado .....
35. Entrei de cabeça e de coração .....
36. Paz duradoura .....
37. Meu sentir .....
38. A pauta do dia .....
39. Quisera eu! .....

40. Descuidoso .....
41. Entretido .....
42. Com probidade .....
43. Itinerário de vida .....
44. Soturno .....
45. Arguto e poderoso .....
46. Pensando alto .....
47. Pegando no próprio pé .....
48. Ecos do passado .....
49. Pensamentos comunitários .....
50. Redondinho .....

## 1. Em paz

Suponho que meu verso desanime  
Aqueles que desejam mais conceitos,  
Mas tenho de dizer que são estreitos  
Os pontos do caminho que redime.

Por isso é que concentro, nestes pleitos,  
O meu desejo vago mas sublime  
De embalsamar minh'alma no regime  
Das coisas populares com defeitos.

No entanto, vão dizer que existem trovas  
A dar de pau na gente que nos lê,  
Julgando que inda estamos lá nas covas.

Espero não ser esse aí você,  
Que conhece onde estão todas as provas  
Do amor que hoje sentimos e o porquê...

27.11.02

## 2. Prece para Jesus

Jesus, humilde aqui lhe peço que abençoe  
O povo todo que me estima e que me lê  
E os que não sabem destas dores o porquê,  
Só confiando em que o verso se perdoe.

Não nos atice por curiosos da mercê  
De recebermos doce graça que ressoe  
Por estas trovas, que compomos p'ra que voe  
O pensamento estimulado por você.

Dê-nos amparo e muita luz, pois o amor  
Que se transcreve no poema ainda é débil  
E nós queremos algo bom hoje compor.

Muito obrigado, mestre amigo e companheiro,  
Por dispensar-nos atenção ao canto flébil:  
Leve eu consigo um coração alvissareiro.

### 3. Meio ambiente

Atiro no que vejo; acerto o que não vejo:  
É como raciocino assim que sou chamado.  
O fato de compor não vai deixar de lado  
A história dessa gente, em lúcido bosquejo.

Refliço quase sempre e anoto o que de agrado  
Me anima a redigir, sabendo o quanto almejo  
Impressionar a turma, armando algum gracejo,  
Em versos tão banais de som sempre emprestado.

Retiro-me da liça e o faço ser remorso,  
Pois sei que são milhões as trovas hoje em dia,  
Contraste em que me perco até quando me esforço.

No fim, sobra a escansão e o tema da poesia  
Repete sem sabor os quadros que hoje escorço,  
Os únicos do etéreo a pôr-me em nostalgia.

#### 4. Aviso oportuno

Carrego nestas páginas a dor  
Que angariei um dia, aí na Terra:  
Na hora mais feliz, estava em guerra:  
Agora a paz preciso recompor.

Não suba, meu amigo, aquela serra  
Que leva ao desespero do rancor:  
Aceite o seu destino inferior  
E faça só o bem que amor encerra.

Notável, esta rima me elucida  
Que tenho refletido sobre o mal,  
Pois peço não por mim, por sua vida,

Obrando com capricho sem igual:  
A prece que me envolve me convida  
A agradecer ao Pai, mais jovial.

## 5. Sem intriga nem fofoca

Vou dizer que estou bem forte,  
Sem brigar mais com ninguém,  
Pois meus versos ficam bem,  
Se consigo aqui meu norte.

Este tema não contém  
Muito enredo: é pura sorte  
Que esta rima inda suporte  
Tantos versos sem vintém...

Logo agora chega o fim,  
Que o soneto é muito curto,  
Mas confunde, por chinfrim,

Já que eu sofro triste surto  
De alegria dentro em mim,  
Resistência à dor que encurto.

## 6. História de pescador

Constato mui contente que progrido  
Na esfera dos espíritos comuns.  
Bem sei que irei causar uns zunzunzuns,  
Na horda dos que dizem: — *Eu duvido!*

Sucede que pesquei alguns atuns,  
Buscando só sardinhas, atrevido,  
Pois tinha p'ra comigo não ter sido  
Perverso, mau, ranzinza, como alguns.

A prova devo dar neste poema,  
Que trouxe no rascunho alinhavado.  
Assim, devo afirmar que não me agrado

Se o texto resultante faz que gema  
Aquele que feliz se disse acima,  
Por ver que melhorou a pobre rima.

## 7. Sem medo

Não há razão para ter medo o gajo  
Que vem trazer mais fé no ser humano:  
Esta poesia agora é um desengano  
P'ra quem mais desconfia deste andrajo...

Eu mesmo sempre quis, boçal, insano,  
Que a turma lá do centro, em lindo traje,  
Vestisse esta mensagem, mas reajo  
E dou-lhe a tal feição com que a engalano...

Irão sorrir de mim pela facécia,  
Porque tentei vencer a peripécia,  
Em versos desgarrados, sem sentido?

Se alguém ao menos lesse este poema,  
Faria com que fosse luz suprema  
A lamparina acesa com que agrido...

## 8. Atropelo na rima

Estudo a melhor forma de poesia,  
Para dispor ideias, sentimentos.  
Não perco muito mais que alguns momentos  
E logo estou ditando a melodia.

No entanto, não consigo pensamentos  
Que tenham o condão de estar em dia  
Com toda a intuição que aqui queria  
Deixar em bom registro, sem tormentos.

Só fica a anotação de que o mistério  
Há de crescer bem mais no cemitério,  
Enquanto a gente sofre e raciocina.

Se fossem só de lágrimas os versos,  
Ainda que os fizesse mui perversos,  
O povo entenderia a disciplina.

## 9. Felizardo

Não tento demonstrar muita alegria,  
Porque não sei dizer se estou feliz.  
O mestre, que me ouviu, também não quis  
Transpor tal sentimento p'ra poesia.

Agora eu me arrependo: por um triz,  
Não ponho alegre quem eu mais queria,  
Que o texto já me empolga, todavia,  
Não traz ao coração tal diretriz.

Aos poucos, vou formando a minha trova,  
Que os temas para o bem já saem da cova,  
Enquanto não me afobo co'a verdade.

O estilo sofre muito e assim percebo  
Que já não sou aquele *bom* mancebo,  
Pois vejo que o leitor se persuade.

## 10. Para Jesus

Estou comprometendo esta poesia  
Na prece que hoje elevo ao Grande Amigo.  
Quisera compreender cada perigo,  
Nas armadilhas tredas desta via.

Porém, eu não entendo o que comigo  
Ocorre quase sempre, pois se adia  
A solução da dor pela harmonia  
Que faz que exista paz quanto ao castigo.

Jesus, meu Grande Amigo e Salvador,  
Não queira que este pobre sofredor  
Se expresse com estilo nesta rima.

Aceite o meu modesto e mau soneto,  
Abençoando o vate, pois prometo  
Aceitar-lhe a lição que amor sublima.

## 11. Competência

Não tenho competência para a rima  
Mas vou fazendo versos mesmo assim.  
Se a trova terminar menos ruim,  
Irei ficar contente, pois me anima.

Agora que venci o medo em mim,  
Pretendo conquistar-lhe a sua estima,  
Dizendo que estou bem, sem obra-prima,  
Pois tudo quanto escrevo chega ao fim.

Atendo pelo nome de Antenor,  
Que rima, como sabem, com amor,  
Que é tudo quanto espero demonstrar.

Se abraço o meu amigo com ternura,  
A trova vou tornando bem mais pura,  
Notícia que me traz mais bem-estar.

## 12. Resguardo

Preciso controlar minha emoção  
Por meio desta métrica fugaz.  
Espero que meu ódio tenha paz  
E que meu desespero seja vão.

Eu sei que meu espírito perfaz  
A trova que engendrei para a escansão,  
Que sempre hei de encontrar bela versão,  
Para ofertar ao povo que se apraz.

Se fosse um verso apenas, um soneto,  
Talvez fosse melhor meu resultado,  
Mas tantas são as glosas que prometo

Que muitas não conseguem um agrado.  
Então vou terminar este terceto,  
Orando com fervor pelo traslado.

### 13. Restauração espiritual

Preciso revelar que estou mudado  
E que aprendi a ser muito melhor:  
As leis de Deus eu sei todas de cor  
E sei o que Jesus tem ensinado.

Também Kardec eu tenho ao meu redor,  
Com tantas obras úteis, para agrado  
Da inteligência lúcida que enfado,  
Ao transformar os textos p'ra pior.

Assim, eu vou passando o meu estudo  
Ao povo aí da Terra, que me lê  
Sabendo muito mais que eu de tudo.

Espero que, ao me ler, seja você  
Quem me desperte o amor ao conteúdo,  
Em prece muito amiga, por mercê.

## 14. Descanso merecido

Pretendo descansar desta poesia  
E dar aos outros uma boa chance.  
Espero que o trabalho meu avance,  
Em área de maior sabedoria.

Não quero aqui dizer que o meu alcance  
Esteja muito grande, mas daria  
Para ofertar amor com alegria  
A todos que me pedem que descanse.

É claro que o lugar eu cedo agora  
A quem se interessar pelo dever  
De revelar a luz, sem mais demora.

O vate cá deseja mais poder  
Pra oferecer a prece que vigora  
No coração do povo, em bem-querer.

## 15. Minha necessidade

Não vou continuar a lengalenga  
Dos textos que não têm nada de novo.  
Estão azucrinando todo o povo,  
Com verso mui azedo, mau, capenga.

Começo esta vigília e o meu renovo  
Já vem pra provocar séria pendenga,  
Porquanto o meu espírito derrenga  
As trovas mais funestas, pois comovo.

Por isso é que pretendo, neste lar,  
Apenas refletir, bem devagar,  
O pensamento bronco deste autor.

O mais vai decorrer muito macio,  
Que as águas todas fogem para o rio  
E todos com Jesus vamos compor.

## 16. Rebeldia controlada

Não veja, meu amigo, neste verso  
Qualquer vestígio tolo de revolta:  
Minh'alma quase sempre não se solta,  
Se estou no amor a Deus bastante imerso.

Querendo desfazer-me desta escolta  
Que visa a proteger meu universo,  
Afasto o sentimento mais perverso  
E trago para a rima o bem de volta.

Pretendo completar a minha parte  
Apenas pela forma mas sem arte,  
Que o texto me impressiona ao terminar.

Aí, fico pensando como é pura  
A criação de Deus, que amor procura,  
Para valer a vida junto ao lar.

## 17. Salvação

Pretendo concluir bem rapidinho  
Que existem outros muitos pra compor.  
Se o mestre nos provoca grande amor,  
O verso mais terá terno carinho.

Assim, eu vou levando como autor  
A trova original, pois desalinho  
Se tento repetir a do vizinho,  
Que brilha nos conceitos com louvor.

Espero terminar com chave d'ouro  
Trazendo da moral o seu tesouro,  
Por caridade e fé mais esperança.

Ocorre que os pupilos que me assistem  
Bem sabem que os recursos cá existem  
P'ra que o poeta glose e sempre vença.

## 18. Paradigma de trova

Respeito o meu leitor e faço a rima  
Apenas p'ra lembrá-lo que o meu tema  
Reside em desvendar a lei suprema,  
Aquela de que amor nos reanima.

Depois de versejar, o bem se extrema,  
Trazendo muita paz e muita estima  
Para o leitor solerte, como acima  
Deixei mui claro ao mostrar o esquema.

Por isso, vou em frente, caprichando  
No traço com que abraço o meu amigo,  
Embora muitas vezes tão nefando,

A ponto de ofender, com meu castigo,  
A rima que solfejo, ao bom comando  
Do mestre que compõe aqui comigo...

## 19. Retrato três por quatro

Resumo a minha vinda em simples trova,  
Pois muito aqui desejo concentrar.  
Não posso ir a outro patamar,  
Enquanto a minha fé não se renova.

Por isso é que me apego a este lugar,  
A pespegar na rima forte sova,  
Daquelas que me livram de uma prova,  
Pois tenho de servir algo exemplar.

Em breve estarei livre do tormento,  
Alçando voos altos, criativo,  
Dispondo com rigor meu sentimento.

No verso, então, direi que inda estou vivo,  
Que tenho mais coragem, já que aguento  
A crítica voraz de quem cativo.

## 20. Estranho pedido

Desejo que o leitor não leia tudo,  
Que os versos hoje cansam, de tal modo  
Que mesmo este poeta às vezes podo,  
Dizendo que maltrato o conteúdo.

É claro que esta forma sempre rodo,  
Levando a bela métrica, contudo,  
A se ajustar a mim, porque não mudo,  
Querendo um bom churrasco e tendo *brodo*...

Alegro-me, porém, e sigo em frente,  
Sabendo que meu verso é diferente,  
Pois traz certas palavras sem poesia.

Que sobre algum sorriso em sua face,  
O mínimo que seja, inda que passe  
O sentimento d'alma em nostalgia...

## 21. Reconhecendo o perigo

Tememos, nós da turma, que o meu verso  
Não tenha os mesmos dons de qualquer grupo.  
Quisera receber não só apupo,  
Embora saiba bem que estou perverso.

Arrisco-me nas rimas e me ocupo  
Na busca da verdade do universo,  
Mas, vendo quanto estou em mim imerso,  
Assumo o meu papel: não engazupo...

Os meus amigos querem que me esqueça  
Dos males praticados nessa vida.  
A crítica, porém, vem à cabeça

E logo aqui me aflijo com a lida,  
Porque não sei fazer que se arrefeça  
A dor desta minh'alma aborrecida...

## 22. Entrega a domicílio

Não tenho muito engenho mas promovo  
A rima que apetece ao grupo etéreo.  
Parece que o refrão não vai ser sério,  
Porém, vem rebrilhando de algo novo.

Minha inventiva tem um refrigerio  
Que o verso proporciona ao meu bom povo,  
Pois vai brotar amor deste renovo,  
Que nasce em minha campã, grão mistério!

Sofrível, minha rima determina  
Que devo aqui sofrer como mendigo  
Que tem as mãos vazias da doutrina.

Agora que não tenho um inimigo,  
Eu vim trazer a trova sulfurina,  
Que o cheiro deste enxofre vem comigo...

## 23. Navegação espiritual

Renego a minha fórmula banal  
E tento renovar esta poesia.  
Alhures, encontrei quem me daria  
Exemplo bem melhor do que o normal.

Mas tal não trouxe a mínima alegria,  
Porquanto me embaraça o ritual  
De ter de compreender que é natural  
Errar por imperfeito e nostalgia.

Por isso eu trago aqui o meu poema,  
A demonstrar ao povo que é suprema  
A dor do desperdício pela rima.

Em círculos maiores, bem se alcança  
Que nutre a doce paz com esperança  
De ter o teu respeito e tua estima.

## 24. Dia de festa

Ao término da trova fico alerta  
Para a impressão de glória da poesia,  
Que o bem que aqui fazemos causaria  
Orgulho e mais vaidade: a coisa é certa.

Por isso é que presumo que a alegria  
Não deve ser total, que é porta aberta  
Para a tolice, pois amor deserta  
Do coração de quem se ufanaria.

Mas devo ser feliz por versejar  
De modo que desperte a tua estima  
Em preces, no refolho do teu lar.

Ao Pai devo pedir a melhor rima,  
Que vejo aqui chegando devagar  
Ao meu sentir, o que me reanima...

## 25. De galho em galho

Tropeço nestes versos mas me anima  
O fato de contar com várias trovas.  
Quem sabe não contenham muitas provas,  
Mas clara há de ficar do etéreo a rima.

Conheço muitos textos que reprovam,  
Ó coração ingente, e a pantomima  
Dos versos que produzem, como acima,  
Repercussões atrozes, sons das covas...

Mas venho em boa paz e aqui prometo  
Deixar um bom sorriso no soneto  
Impresso com coragem nesta tela.

Não vou dizer que tenho a alma solta;  
Também não vou mostrar que está envolta  
Em dores e infortúnios que o mal sela.

## 26. Em suma...

Pretendo prosseguir mais um pouquinho,  
Para dizer que amo os meus colegas.  
Na hora do bulício, eu sei que entregas,  
Ó coração formoso, o teu carinho.

Também não vou seguir aqui às cegas,  
Que o texto no rascunho está *zerinho*,  
Brilhando no improviso que, adivinho,  
Irás pensar, leitor, que me pespegas.

Eu flerto com as rimas perigosas,  
Porque, leitor amigo, eu sei que gozas,  
Neste compasso antigo e sonolento.

Porém, bem poucos poderão dizer  
Que aqui eu vim cumprir o meu dever,  
Pois a leitura é parca e me impaciente...

## *27. Saltei de banda*

Quiseram que eu fizesse outro soneto  
Em que impusesse regras para a vida.  
Achei que era estranha essa pedida,  
Porque p'ra mim o verso chega preto.

Se não consigo pôr nesta medida  
Sequer uma virtude, em minueto,  
Como é que poderia, neste espeto,  
Frigir a boa norma, a mais sentida?!...

Achei que era melhor, por outro modo,  
Vir demonstrar que o povo não engodo,  
Em riso franco, honesto e natural.

Se te ficar, leitor, outra impressão,  
Ao menos reconheças que o senão  
É simples arremedo ornamental.

## 28. Paciência

Não sei quem tem paciência neste caso,  
Se o professor que instrui os versos meus,  
Se o médium que jamais me diz adeus,  
Se o meu leitor que nada só no raso.

Por certo não sou eu, graças a Deus,  
Pois não suporto mais qualquer atraso  
E vou logo ditando, se extravaso,  
A hora que aprazei co'os cireneus.

Por isso existem queixas dos dois lados  
Que a trova não se encaixa à perfeição  
Nos ideais do amor, laços sagrados,

Que custo a conquistar de coração:  
Os metros que versejo são glosados  
Da prece de Jesus: "Perdoa, irmão!"

## 29. Razões do coração

Não venho satisfeito para a mesa  
Em que devo deixar o meu recado.  
Às vezes, me deparo co'a surpresa  
De ver como esta trova aqui traslado.

Deparo-me, porém, com desagrado,  
Que nunca consegui maior proeza,  
Pois tenho de deixar sempre de lado  
Os textos em que viso só à beleza.

O ensino da doutrina se resume,  
Que os versos não se estendem muito mais  
Nas linhas do rancor e do azedume.

Mas vou achando serem naturais  
As rimas mais pesadas do costume  
Que tento não tornar eventuais.

### 30. Prematuramente

Percebo que meus versos são mui pobres,  
Que deveria eu estudar mais.  
No entanto, quanto faço aqui jamais  
Contenta o coração, pois não são nobres.

Mas, meu leitor amigo, não me cobres  
Um desempenho bom, pois naturais  
Terão de ser as rimas, já que atraís  
Apenas a verdade com teus dobres.

Pretendo melhorar, isto é pacífico,  
Buscando o teu espírito analítico,  
Para fazer brilhar um verso justo.

Se tu não te incomodas com meu canto,  
Eu fico entristecido, pois meu pranto  
Há de secar a dor, a qualquer custo.

### 31. Farândola

Volteio alegremente em cada rima  
E faço do leitor meu par constante.  
Nós dois vamos bailando neste instante,  
Ao som do amor e à luz desta obra-prima...

Versejo com prazer e delirante  
Esqueço que o encarnado desanima  
Co'as sombras que se estendem neste clima,  
Pois sem querer as ponho logo adiante.

Folguedos são honestos, proveitosos,  
Se existem as virtudes nesses gozos,  
Ficando fora o orgulho e o egoísmo.

Mais tarde irei reler todos os versos,  
Sabendo lá topar com mil perversos,  
Farândola de dor no fundo abismo.

## 32. A propósito

Notando que não tenho muito tempo,  
Prescindo destas rimas complicadas  
E ponho em versos só a bela ideia  
Do amor que sinto n'alma nesta hora.

Bem sei que vou falir antes do fim,  
Porém, latejam sons do coração,  
Que exprimem sentimentos muito nobres,  
Para abraçar o amigo que me aceita.

No último terceto eu vou pedir  
Ao Pai que nos proteja contra o mal,  
Na prece que Jesus nos ensinou.

Pai nosso, estende a mão em doce bênção  
E dá para o infeliz uma esperança  
De te encontrar em festa aí no Além.

### 33. *Intermezzo*

Invento o meu poema no rascunho  
E dou ao mestre meu para julgar.  
Às vezes, deixa tudo no lugar;  
Às vezes, quer que eu dê meu próprio cunho.

Por isso é que fabrico devagar  
As rimas que aqui deixo em testemunho  
De que será possível que o seu punho  
Também venha a escrever neste bom lar.

Apego-me ao trabalho e não me envolvo,  
Embora os meus tentáculos de polvo  
Alcancem muitos temas sem poesia.

Ocorre que não tenho muita verve,  
O que me faz dizer que tudo serve  
Para mostrar que tenho a alma em dia...

### 34. Entrei mudo e saí calado

Não acho que meu título forneça  
Motivação para o leitor preclaro,  
Mas mesmo assim eu ponho o meu reparo  
E trago o verso pronto, na cabeça.

Se o médium titubeia, eu logo amparo,  
Não permitindo que esta rima esqueça,  
Tornando a minha ideia mais travessa,  
Porquanto o coração logo escancaro.

— Original poema —, hão de dizer  
Aqueles que me invejam pela trova.  
Os outros que me entendem têm poder

Para fazer melhor, pois esta sova  
Que dou no engenho meu é de dever,  
Mas nada que desperte alguém na cova...

### 35. Entrei de cabeça e de coração

Ajusto a vibração que emito aqui,  
P'ra ser o verso meu agasalhado.  
Terei de desprezar ou pôr de lado  
Os sentimentos vis com que vivi.

Careço de ordenar o que arrecado  
Das mais belas lições que recebi  
Do mestre e professor, em que senti  
Profundo amor por mim, mui delicado.

E vou retribuir compondo a trova,  
Que servirá do amor também de prova,  
Além do meu afeto pessoal.

Se eu fosse muito mau, triste, infeliz,  
Houvera de mudar a diretriz  
Do sentimento leve, bom, moral...

## 36. Paz duradoura

Tormentos enfrentei dentro do Umbral,  
Depois que despachei meu corpo inerte.  
Havia convencido o mestre: — Acerte  
A conta pelo lucro, sem o mal.

— Mas como, se você inda converte  
Os atos da maldade em liberal  
Aprumo, o tema desse madrigal,  
P'ra galanteio e brilho que diverte?!...

— Meu caro professor, enquanto trovo  
E peço compaixão ao pecador,  
Os versos detestáveis sempre sovo.

Tal arte, que desejo aqui dispor,  
Desejo com prazer pois lá renovo  
As ânsias mais felizes deste amor...

### 37. Meu sentir

Proponho ao caro mestre que me escute  
Os temas de minh'alma combalida.  
Sofri na Terra toda a minha vida  
E mais no espaço: a dor cá repercute.

Agora eu vibro no vigor da lida  
E deixo o verso belo do desfrute  
Do gozo natural, que o bem incute  
Pela virtude rica conseguida.

É claro que o meu verso justifica  
A dedução notável que sou pobre,  
Porquanto é pobre a rima que aqui fica.

Alegre, o coração dentro do peito,  
Bate feliz como se fora nobre,  
Enquanto a mente à dor afirma: — Aceito!

### 38. A pauta do dia

Desejam meus colegas que este verso  
Contenha um sentimento poderoso.  
Esperam que esta rima seja o gozo  
Da perda do sofrer voraz, perverso.

Eu mesclo no prazer, um bem formoso,  
A dor em que meu peito está imerso,  
Porque não há refrão que chegue terso,  
Se o coração lateja doloroso.

No fim, a rima rica, conseqüente,  
Me traz pela coleira, escravo dela,  
E eu peço ao bom leitor que mais me agüente.

Abraço fraternal, recebo o louro,  
Pois que a vitória chega bem singela,  
Na chave do soneto sem desdouro...

### 39. Quisera eu!

Protesto conhecer bem a doutrina  
Mas não consigo pô-la em verso nobre:  
A rima transparece, em sendo pobre,  
A falta de saber que me amofina.

Da igreja, escuto o repicar a dobre,  
Chamando todo o povo que ilumina  
A fé, pois tal semente ali germina,  
Enquanto a minha pena a dor recobre.

O céu não pretejou mas faz barulho,  
Iluminando o espaço algum corisco.  
No coração, por medo, já mergulho,

Porquanto um desafio eu não arrisco:  
O tempo é prepotente e é com orgulho  
Que eu chego a este fim, mero chuvisco...

## 40. Descuidoso

Preciso confirmar o tema antigo  
Dos pensamentos pobres lá da Terra:  
Sentia-me cercado, sempre em guerra,  
Em luta contra um bárbaro inimigo.

O vício da bebida inda me aterra  
E deixa um sentimento mau comigo.  
A terminar a trova mais me obrigo,  
Se insiste o desajuste que me ferra.

Assim, dou preferência ao triste assunto,  
Lembrando apenas que não tenho planos  
P'ra melhorar as rimas que rejunto.

O aviso que aqui deixo p'ros humanos  
Resulta deste exemplo de defunto,  
O coração forrado em desenganos.

## 41. Entretido

No meio das tarefas deste dia,  
Encontro alguns instantes só de folga.  
Se alguma ideia boa a mente empolga,  
Dedico esses momentos p'ra poesia.

No entanto, é co' o castigo que se amolga  
A frase lapidar desta alegria,  
Produto que melhor estamparia,  
Se não sentisse o hausto que resfolga.

Assim que mal lapido a rima bronca,  
O mestre que me assiste já destronca  
Os galhos que se quebram por bichados.

Recorro à tal virtude dos bons cantos  
E faço um outro verso com encantos,  
Que eu canto por enquanto só meus fados.

## 42. Com proibidade

Atento para as rimas que componho  
Na hora do rascunho, então sozinho.  
No entanto, quando venho e já não sonho,  
O clima se transforma e me definho.

Por isso é que me encontro assim bisonho,  
A repetir os sons em desalinho.  
Do texto resultante eu me envergonho,  
Se trago para cá um só carinho.

Mas tudo o que pretendo é demonstrar  
Que estou aproveitando este lugar,  
No intuito de dar tudo quanto possa.

Hão de dizer que é pouco e que preciso  
Melhorar para ir ao paraíso:  
Assim é que um futuro bom se esboça...

### 43. Itinerário de vida

Resolvo contemplar o meu futuro,  
Distante do passado tenebroso.  
Não quero do presente o forte gozo  
Do texto que componho, prematuro.

Assim, posso afirmar-me vitorioso,  
Que a tese deste amor é minha, juro,  
Porquanto tenho fé e mais, maturo  
O fruto da esperança tão gostoso.

Ainda que estivesse muito triste,  
Aos pássaros daria o meu alpiste,  
Em rimas caridosas, sem maldade.

Atendo ao professor que me esclarece  
E digo com fervor a melhor prece,  
Aquele que seduz e persuade...

#### 44. Soturno

Não posso me alegrar com a poesia  
E peço mil desculpas ao leitor.  
No entanto, não rejeito vir compor,  
Que os males esta rima me alivia.

Quisera registrar tão só amor,  
Com muitas emoções e nostalgia,  
Porém, sinto amargura neste dia  
E assim não mais prospera o meu vigor.

Atenho-me a mostrar o coração,  
Em rimas imperfeitas, incompletas,  
Que é tudo o que me resta no refrão.

Eu sei que existem mais de mil poetas  
Que aguardam, cá na fila, esta ocasião  
De evidenciar que são gentis estetas...

## 45. Arguto e poderoso

Preciso desfazer certa impressão  
Que fica do restolho do meu verso:  
A ideia de que estou no bem imerso,  
Cansado por ouvir constante *não*.

Ocorre que não tenho o dom perverso  
De legar o sofrer do coração.  
Bem sei que os meus leitores me darão  
Afeto de amizade incontroverso.

Ouvindo as minhas rimas, já prometo  
Que hei de melhorar o meu soneto,  
Expondo, com amor e disciplina,

A lição que retenho dentro d'alma,  
Que enobrece o poeta, que se acalma,  
Ao redigir à luz da sã doutrina.

## 46. Pensando alto

Não quero melindrar o meu leitor,  
Dizendo que este verso é bem capenga.  
O que deixo anotado é só parlenga  
Que faço p'ra mim mesmo, ao vir compor.

Memorizando a trova, a lengalenga  
Me instiga a formular com mais amor  
O texto que compreendo inferior,  
Tornando mais esperto este molenga...

Assim, no meu juízo, a rima é nada,  
Apenas resultado da salada  
De conceitos e dons do pobre vate.

Mistura inconcebível deste orgulho  
De ver que no inconsciente é que mergulho,  
Com as palavras tais desse acicate...

## 47. Pegando no próprio pé

Retiro a melhor rima de outro verso,  
Para dispor aqui de forma triste,  
Porque preciso estar de dedo em riste,  
Para acusar o lado meu perverso.

Se estou pedindo que o leitor conquiste  
Cada virtude humana, estando imerso  
Nas sombras perniciosas do universo,  
Eu devo a mim pedir que o bem me enquiste.

Flertar co'a rima doida compromete,  
Pior ainda se *pintar o sete*,  
A desprezar tudo que é bom p'ra alma.

Revolteios vão causar suspiros,  
Pois fico tonto com tão poucos giros:  
Preciso vir rogar por luz, em calma...

## 48. Ecos do passado

Não gosto de pensar na minha vida,  
Mas, volta e meia, torno ao velho tema.  
Ocorre que esse mal é meu problema,  
Enquanto à raiva dou atroz guarida.

— Vou superar a dor tremenda, extrema —,  
Repito sem cessar, pois me convida  
O mestre a refletir sobre esta lida,  
Que visa a me soltar da rude algema.

Quase estraguei o encargo abençoado  
De agasalhar no seio dois petizes.  
Por sorte, o meu temor deu o seu brado

E eu pude ali cumprir as diretrizes  
A que me impus um dia, deste lado,  
Ao ver os inimigos infelizes...

## 49. Pensamentos comunitários

Enlevo o sentimento e escuto o coração,  
Que prega um gesto audaz de auxílio a quem sofre.  
Mas abro o tal escrínio: está vazio o cofre.  
Não tenho mais virtude além deste refrão...

As dores que hoje sinto afogam no meu peito  
O pranto que não jorra, apenas p'ra fingir  
Que estou feliz aqui, ditando ao Wladimir  
O texto rude e mau, que eu mesmo não aceito.

Refaço o meu retrato e dou-lhe compostura,  
Que metro tão completo há de fazer figura  
Na triste antologia em que eu mais me intrometo.

No fim, hei de rogar ao meu leitor querido  
Que reze mais por mim, no entanto, aqui duvido  
Que alguém vá conferir o texto do soneto...

## 50. Redondinho

Pratico a melhor rima que conheço,  
No trato deste verso e desta estrofe.  
Meu mestre quer que o vate filosofe;  
Então, conto esta história do começo.

Espero que o soneto jamais mofe  
No arquivo virtual, pois me aborreço,  
Pensando que trabalho pelo preço  
De uma leitura só de quem galhofe.

Aí, eu peço a Deus que me ilumine,  
A ponto de mostrar que foi Jesus  
Quem fez que todo o mal eu descortine,

Porquanto o meu soneto se reduz  
Em um olhar p'ra fora da vitrine,  
A ver se existe paz, amor e luz.

Indaiatuba de 27. 11. 02 a 27.02.03